MERCADOS

BOLSA

Guerra das patentes tira 30 mil milhões a farmacêuticas

O valor das farmacêuticas com vacinas contra a covid-19 aprovadas pela OMS sofreu um deslize de milhares de milhões em apenas um dia, depois de EUA e UE terem aberto a porta ao fim das patentes.

GONÇALO ALMEIDA
goncaloalmeida@negocios.pt

Biden e Von der Leyen admitiram deixar cair as patentes para ajudar a vacinação

As ações das farmacêuticas um pouco por todo o mundo sofreram um revês, quando Washington e depois Bruxelas disseram que poderiam renunciar às patentes sobre as vacinas produzidas para combater a covid-19, de forma a agilizar o processo de vacinação em todo o mundo.

A capitalização de mercado das empresas envolvidas na produção de vacinas aprovadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – que estão cotadas em bolsa – desvalorizou, no conjunto, mais de 27 mil milhões de dólares, o equivalente a 3%, entre quarta e quinta-feira. As empresas em questão são a AstraZeneca, a BioNTech, a CanSino Biologics, a Johnson & Johnson, a Moderna, a Novavax, a Sinopharm e a Pfizer. Ainda assim, este montante será superior, se tivermos em conta todas as cotadas ligadas ao ramo farmacêutico, que também desvalorizaram por arrasto.

Em causa está a mudança de postura dos Estados Unidos da América (EUA), até aqui do lado da indústria farmacêutica, com a administração de Joe Biden, líder da Casa Branca, a revelar que o país iria apoiar este mecanismo de emergência. Depois, a União Europeia (UE) rapidamente lhe seguiu os passos. Von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, disse que "a UE está pronta para discutir qualquer proposta que aborde a crise de maneira eficaz e pragmática", acrescentando que, por isso, está pronta "para falar sobre a proposta dos EUA para uma isenção de propriedade intelectual para as vacinas que poderia ajudar a atingir esse objetivo". Nos últimos meses, a UE exportou mais de 200 milhões de doses de vacinas para o resto do mundo.

Esta nova posição, no campo dos direitos à propriedade intelectual, terá o objetivo de acelerar os programas de vacinação nos países menos desenvolvidos, e onde o número de casos de covid-19 tem batido recordes. É o caso da Índia e do Brasil, que juntos são responsáveis por mais de metade das novas infeções de covid-19 no mundo até à semana passada, de acordo com a OMS.

Em termos continentais, África tem, até ao dia de ontem, apenas 0,98% da população vacinada com pelo menos uma dose contra a covid-19, um número que contrasta com os 30,28% de cidadãos da América do Norte já vacinados. Na América do Sul, este valor é de 12,42%, muito aquém do número europeu (22,90%), segundo os números da Our World In Data.

Caso este processo vá em diante – como é vontade, também, do diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom – significa "que outras empresas a nível mundial, mesmo sem autorização das farmacêuticas titulares das patentes, poderiam produzir e comercializar a vacina", como refere ao Negócios, Vítor Palmela Fidalgo, professor de Direito e especialista em propriedade industrial.

Apesar do apoio demonstrado por Biden e Von der Leyen, a chanceler alemã Angela Merkel mostra-se contra esta ideia, uma vez que causaria "implicações severas" para a produção global de vacinas, considera. Uma afirmação que resultou numa atenuação das quedas das cotações.

> **Estamos disponíveis para discutir quaisquer outras soluções que sejam efetivas e pragmáticas.**
> URSULA VON DER LEYEN
> Presidente da Comissão Europeia

Mecanismo de emergência

Palmela Fidalgo diz que "existem, de facto, mecanismos para 'levantar' os direitos de patentes sobre invenções, como é o caso das vacinas", explicando que "este mecanismo permite ao Estado conceder uma licença para exploração, sem o consentimento do titular da patente, que pode ter como beneficiário tanto o próprio Estado como uma entidade terceira". "O interesse público, para a promoção da saúde pública, é um dos motivos que podem ser invocados. Por exemplo, no Código de Propriedade Industrial, esta solução está prevista de forma expressa", remata.

O que é facto é que as empresas que estão a distribuir vacinas aprovadas pela OMS sofreram na pele com estes comentários por parte dos EUA e da UE, uma vez que poderá significar "que todo o trabalho que [estas empresas] levaram a cabo até agora seria dado de mão beijada a outras empresas", adianta o professor.

Entre estas farmacêuticas, a maior perda foi registada pela chinesa CanSino Biologics, que de um dia para o outro perdeu cerca de 15% em bolsa. Mas as perdas foram infligidas a outras cotadas, como a Sinopharma (-6%), cuja vacina chega a cinco países. As perdas já tinham acontecido no final da sessão de Wall Street de quarta-feira. No caso da alemã BioNTech, com a vacina que desenvolveu com a norte-americana Pfizer a ser a mais usada em todo o mundo, a queda em Wall Street foi, na quarta, de 3,5%.

"Porém, neste momento não

iStock

contra a covid-19 em todo o mundo.

sabemos que conteúdo terá a declaração política de EUA e UE. Interessa saber o que o Presidente Biden quer dizer com 'levantar' as patentes", lembra Palmela Fidalgo. Esta postura tanto de Washington, como de Bruxelas, poderá traduzir-se na anulação das patentes não só em termos de vacinas, como noutros dispositivos no combate à covid-19, como tecnologia de testagem, retrovirais ou ventiladores.

Receitas disparam

Apesar desta queda nas ações das farmacêuticas entre quarta e quinta, o valor destas cotadas tem disparado desde que a covid-19 se fez sentir, pela primeira vez, no início do ano passado. A corrida à vacina contra o novo coronavírus fez com que, desde janeiro de 2020, o valor de mercado deste lote de empresas tenha disparado cerca de 115 mil milhões de dólares, em conjunto. Empresas como a BioNTech ou a CanSino Biologics viram o seu valor quase que duplicar.

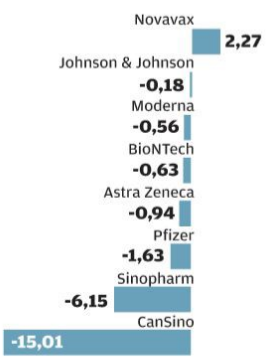
Agora, com a venda destas vacinas a incorporarem-se, pela primeira vez, nos seus resultados, as farmacêuticas, que já apresentaram números referentes aos primeiros três meses do ano, registaram uma subida exponencial nas receitas, à boleia da distribuição deste antídoto.

Esta semana, a Pfizer anunciou receitas com a vacina de 3,5 mil milhões de dólares no período em análise, a AstraZeneca mostrou que este indicador se tinha situado nos 275 milhões de dólares e a Johnson & Johnson obteve receitas de 100 milhões. Ontem, foi a vez de a Moderna registar 1,73 mil milhões em receitas com a sua vacina entre janeiro e março e, pela primeira vez na sua história, a norte-americana apresentou lucro no primeiro trimestre de um ano. ■

FARMACÊUTICAS SOFREM NA BOLSA

Variação em percentagem até às 18h de ontem

As farmacêuticas cotadas em bolsa que desenvolvem vacinas contra a covid-19 sofreram um revés quando se admitiu a suspensão das patentes.



Fonte: Bloomberg

CRÉDITO

Bancos deram 37 milhões por dia para a compra de casa

O ritmo de concessão de novo crédito para a compra de casa voltou a acelerar, com as novas operações até março a tocarem um novo máximo de 2008.

As novas operações de crédito à habitação atingiram um novo máximo de 2008, com o ritmo de financiamento a acelerar em março. No acumulado dos primeiros três meses do ano, os bancos financiaram 3,35 mil milhões de euros para a compra de casa, ou seja, 37,2 milhões de euros por dia.

Os bancos nacionais emprestaram 1.382 milhões de euros para a aquisição de habitação em março, um valor que compara com os 999 milhões financiados um mês antes. Entre janeiro e o final de março, o valor de novo financiamento concedido para a compra de casa superou os 3.349 milhões de euros, mais 17,6% do que no período homólogo de 2020 e um novo máximo desde 2008.

O crédito à habitação mantém, assim, a tendência de crescimento registada nos últimos anos, com os bancos a continuarem a apostar neste segmento, ao passo que a procura por parte dos clientes continua a revelar-se robusta, apesar da crise da covid-19. Várias entidades financeiras veem no crédito uma oportunidade para reforçar os laços comerciais com os clientes, através da comercialização de novos produtos associados ao empréstimo.

Além da guerra dos "spreads" nos últimos meses, que reduziu a taxa mínima cobrada pelos bancos para 1,1%, sendo que já há bancos com um "spread" inferior a 1% [o Bankinter tem taxa mínima de 0,95%], as instituições financeiras têm tentado seduzir novos clientes com campanhas promocionais e o pagamento das comissões de transferência de crédito.

O novo crédito, além de condições mais favoráveis por parte dos bancos, continua ainda a usufruir de um ambiente de taxas de juro muito reduzido, ainda que a taxa média aplicada às novas operações de crédito à habitação tenha quebrado, em março, um ciclo de sete meses consecutivos de mínimos históricos. A taxa de juro média aumentou 8 pontos base, para 0,84%, acima dos 0,76% fixados em fevereiro. Este ligeiro aumento das taxas de juro ocorre num período em que as Euribor registaram uma evolução ligeiramente positiva. A taxa a 12 meses segue em -0,483%, face aos -0,515% registados no início de fevereiro. ■ PA

3,35

MIL MILHÕES

As novas operações de crédito à habitação superaram os 3.349 milhões de euros, no primeiro trimestre do ano.

0,84%

TAXA DE JURO

A taxa de juro para os novos empréstimos para habitação aumentou 8 pontos base, para 0,84%, em março.